

O DIÁRIO

de um

Banana

14

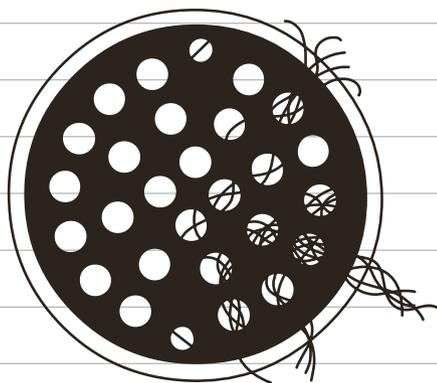
DE-MO-LI-ÇÃO

Os meus livros

RULAM!



Jeff
Kinney



COLEÇÃO O DIÁRIO DE UM BANANA

- | | |
|--------------------------|-----------------------|
| 1. O Diário de um Banana | 9. Assim Vais Longe |
| 2. O Rodrick É Terrível | 10. Dantes É que Era! |
| 3. A Última Gota | 11. Tudo ou Nada |
| 4. Um Dia de Cão | 12. Põe-te a Milhas! |
| 5. A Verdade Nua e Crua | 13. Vai Tudo Abaixo |
| 6. Tirem-me Daqui! | 14. DE-MO-LI-ÇÃO |
| 7. O Emplastro | 15. Bater no Fundo |
| 8. Ora Bolas! | 16. Arrasa ou Baza! |

OUTROS LIVROS DA COLEÇÃO

Aprende Inglês com o Diário de um Banana 1

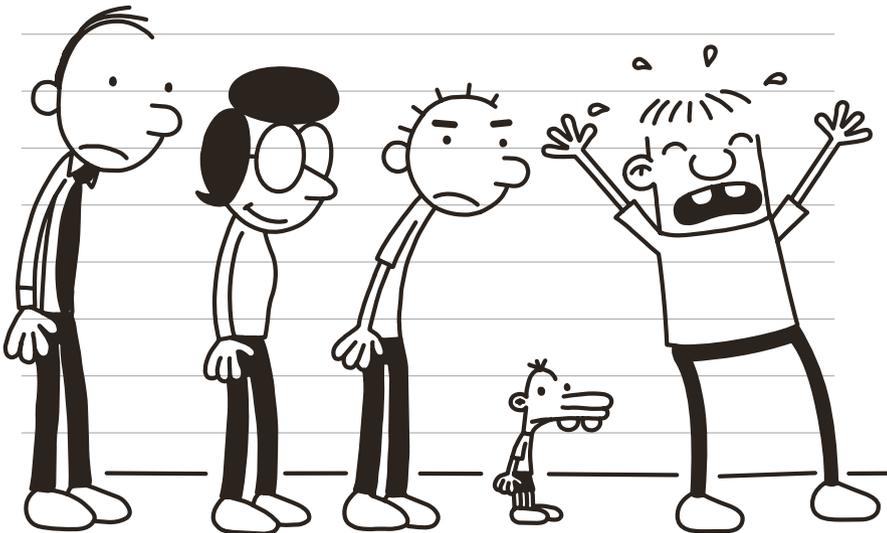
Aprende Inglês com o Diário de um Banana 2

Aprende Inglês com o Diário de um Banana 3

O Diário de um Banana... e o Meu

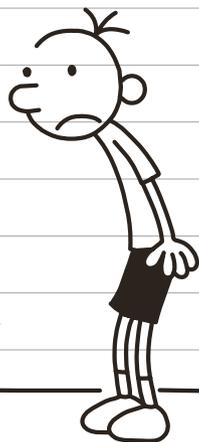
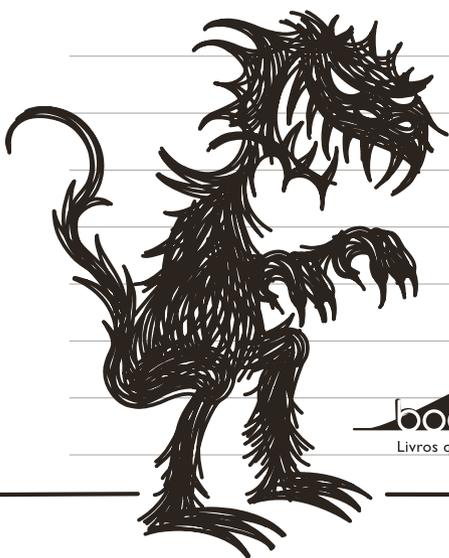
O Diário de um Banana 1: Edição Especial Toque do Queijo

O Diário de um Banana: Agenda Escolar: Sobreviver a Mais um Ano



O DIÁRIO
de um
Banana¹⁴
DE-MO-LI-ÇÃO

Jeff Kinney



booksmile
Livros que saltam à vista



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Edição em formato digital: outubro de 2022

O DIÁRIO DE UM BANANA 14: DE-MO-LI-ÇÃO

Título original: *Diary of a Wimpy Kid: Wrecking Ball*

Texto e ilustrações: Jeff Kinney © 2019 Wimpy Kid, Inc.

O DIÁRIO DE UM BANANA®, DIARY OF A WIMPY KID®, WIMPY KID™,
a figura de Greg Heffley™ e o design de capa são marcas registadas de Wimpy Kid, Inc.

Capa: Chad W. Beckerman e Jeff Kinney

Projeto gráfico: Jeff Kinney

Publicado por Amulet Books, uma chancela da ABRAMS, Nova Iorque.

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2019, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Booksmile é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal.

Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal apoia a proteção do *copyright*. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou eletrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Tradução: Dulce Afonso

Revisão: Manuela Laranjeira

ISBN: 978-989-623-760-8

Composição digital: www.acatia.es

Site: penguinlivros.pt

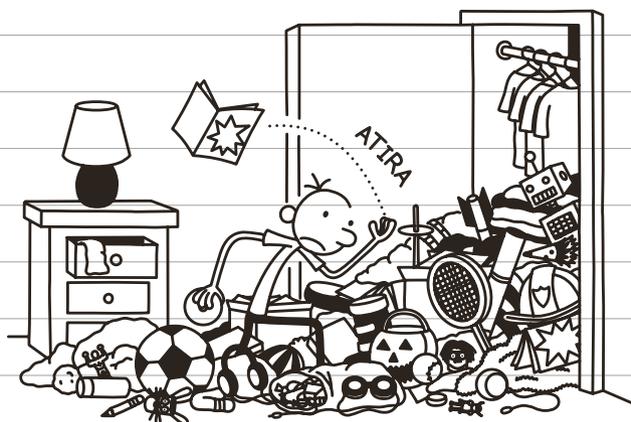
Twitter: [@PenguinLivros](https://twitter.com/PenguinLivros)

Facebook: [penguinkidspt](https://www.facebook.com/penguinkidspt)

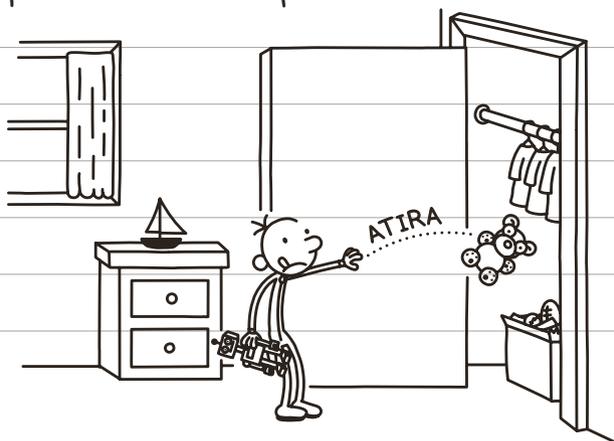
Instagram: [penguinkidspt](https://www.instagram.com/penguinkidspt)

PARA O SCOOTER

A Mãe mandou-me fazer uma limpeza geral e deitar fora tudo aquilo de que não PRECISO. Pareceu-me uma boa ideia até eu me aperceber da quantidade de coisas que realmente TENHO.



Passei a manhã inteira de volta do roupeiro e é incrível o monte de tralhas que estavam lá metidas. É que nem sequer estavam ORGANIZADAS. Basicamente, tenho atirado coisas lá para dentro desde que nos mudámos para esta casa.



Mais ao FUNDO do roupeiro, encontrei algo que julgava ter perdido há ANOS. Era uma pasta cheia de autocolantes que eu tinha colecionado no terceiro ano.



Eu era OBCECADO por autocolantes, especialmente os do tipo raspa-e-cheira. Completei a minha coleção de autocolantes com cheiros BONS, como pastilha elástica, algodão-doce e esse género de coisas, mas também colecionei todos os que tinham um cheiro NOJENTO.

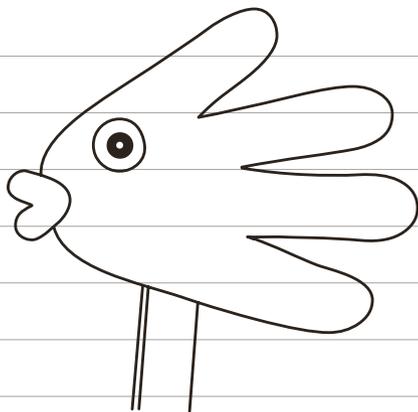
Por isso, quando algum miúdo da minha rua queria saber como é que cheirava o cocó de girafa ou um rolo de carne podre, vinha falar COMIGO.



Um dia, vou escrever a minha AUTOBIOGRAFIA e esta vai incluir autocolantes raspa-e-cheira para assinalar todas as diferentes fases da minha vida.



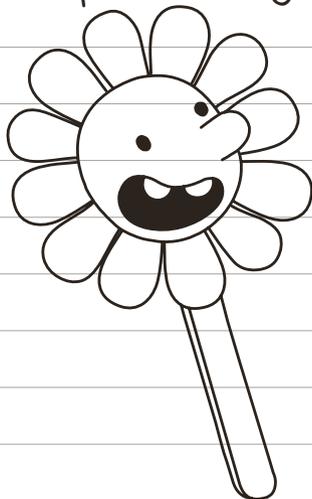
Continuei a aventura pelo meu roupeiro e encontrei coisas do JARDIM DE INFÂNCIA, como um peixe que fiz em cartolina a partir de um desenho da minha mão.



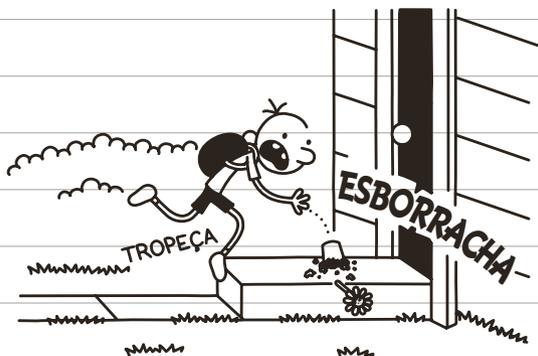
Naquela altura, eu ADORAVA fazer trabalhos manuais. E se alguém GOZASSE comigo por causa disso, acabava com a cara cheia de brilhantes.



Também encontrei uma prenda que fiz para a minha mãe na pré-primária, mas nunca lha dei. Era uma flor de papel com a fotografia da minha cara mesmo no meio, colada a um pauzinho de gelado.



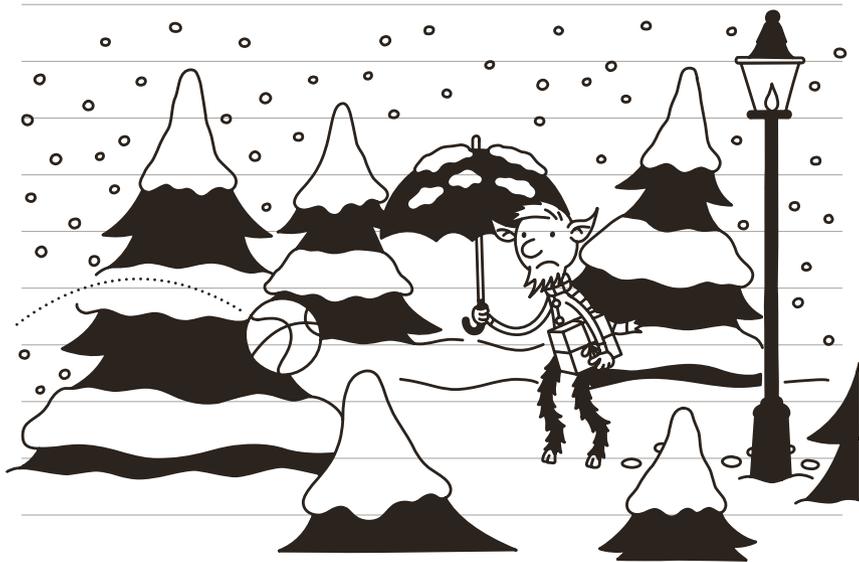
Na altura em que fiz a flor, coloquei-a num vasinho de barro cheio de terra. Só que, nesse mesmo dia, tropecei no degrau da entrada, e foi por isso que a minha mãe nunca chegou a recebê-la.



Fiquei **CONTENTE** quando cheguei finalmente ao fundo do roupeiro, mas, para dizer a verdade, também fiquei um bocado **DESILUDIDO**.

Quando era mais novo, li um livro sobre uns miúdos que conseguiam entrar num **MUNDO** completamente diferente ao atravessarem o seu roupeiro, e sempre me perguntei se seria possível fazer o mesmo no **MEU** roupeiro.

Mas ocorreu-me que os habitantes do outro lado não iriam morrer de amores por mim se eu passasse anos e anos a atirar toda a minha **TRALHA** para lá.

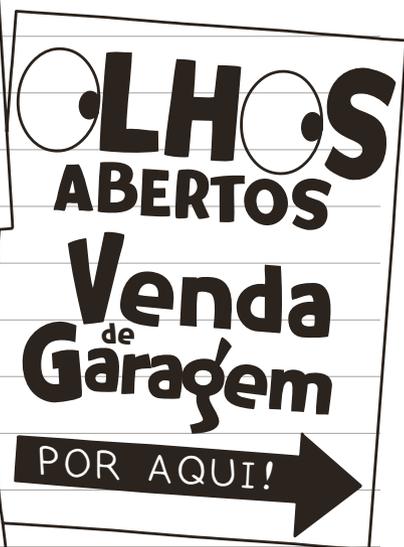


Quando disse à Mãe que já tinha esvaziado o roupeiro, ela respondeu que eu tinha de dividir tudo em três montes: um para guardar, um para dar e outro para deitar fora. Mas eu achei que, se era para me livrar da minha tralha, então bem que podia ganhar algum DINHEIRO com ela. Foi então que decidi fazer uma VENDA DE GARAGEM.

A Mãe achou que era uma ideia GENIAL. E deu-me uma revista com várias dicas para fazer aquilo como DEVE SER.



Mas as ideias na revista eram todas foleiras e antiquadas. Havia uma secção sobre como criar cartazes para atrair as pessoas até à nossa venda de garagem e os exemplos que davam eram uma SECA monumental.



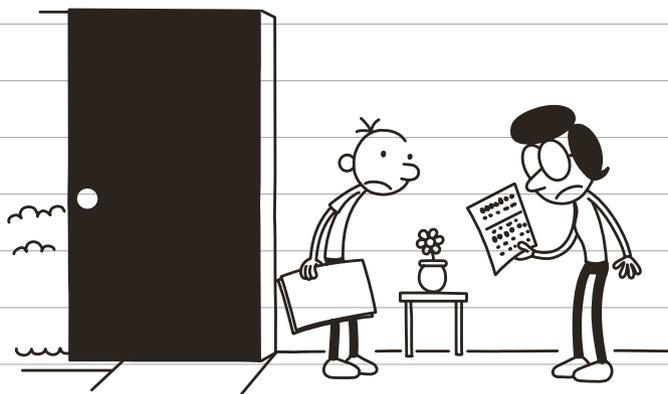
Se fosse para as pessoas aparecerem mesmo na minha venda de garagem, eu sabia que ia precisar de algo muito mais TCHARAN. Por isso, magiquei um cartaz que ia causar impacto de certeza.

NOTA DE \$ 100

ENCONTRADA NO CHÃO

SE A NOTA FOR TUA,
POR FAVOR, DIRIGE-TE À
RUA SURREY, N.º 12

Imprimi várias cópias do cartaz e preparei-me para as distribuir por todo o bairro. Mas, antes de chegar à porta da rua, a Mãe impediu-me de sair.



A Mãe mandou-me fazer uns cartazes mais parecidos com aqueles da revista e, quando acabei, fui pendurá-los nos postes da nossa rua. Depois, carreguei com a tralha toda do meu quarto lá para fora e comecei a organizá-la em cima de umas mesas de plástico.

Cada mesa tinha a sua categoria, como «roupa» e «livros» e outras coisas assim. Mas algumas coisas não eram fáceis de classificar, por isso tive de puxar pela minha criatividade.

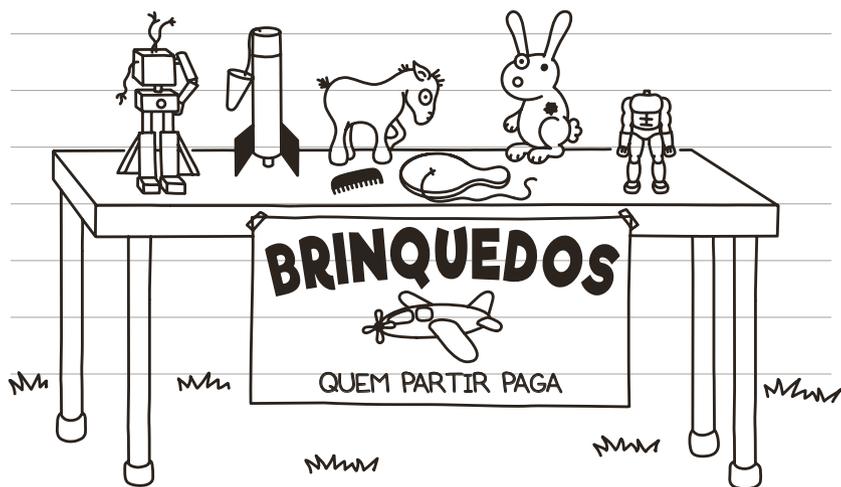
Havia uma série de prendas dos meus avós e de outros familiares mais velhos nas quais nunca tinha sequer TOCADO, e pu-las todas juntas numa mesa.



Também tinha uma série de postais de aniversário que estavam impecáveis. Passei corretor sobre o meu nome e espalhei-os todos numa das mesas.



Coloquei todos os brinquedos partidos noutra mesa, com a esperança de que aparecessem alguns miúdos mais pequenos que não soubessem LER.



Meti todas as tralhas que sobraram, como berlindes e lápis quase no fim, dentro de umas meias compridas e preguei-as no rebordo de uma mesa.



Também criei uma mesa cheia de coisas para aquelas pessoas que não sabem o que hão de fazer ao dinheiro.



Os meus projetos antigos de trabalhos manuais tinham uma mesa própria, para o caso de aparecerem miúdos que precisassem de uma prenda para dar aos pais sem terem de perder TEMPO com o assunto.



Enquanto eu preparava tudo, a Mãe veio cá fora dar um olho na minha exposição e pareceu bastante IMPRESSIONADA. Mas disse que eu devia guardar as coisas que tinha sido eu a fazer, porque eram mesmo ESPECIAIS.

Eu respondi-lhe que, se ela estivesse interessada em ficar com alguma daquelas coisas, então teria de as PAGAR. E ela ofereceu-me três dólares pela tal flor de papel que eu fiz na pré-primária.